

Um testemunho do fora

Por Bruno Domingues Machado¹

Com o que compor, de onde e para onde se abrir? Uma dona de casa abriga muitos circuitos no seu dia a dia que se conectam entre si e cuja configuração pode mudar sem que necessariamente os componentes mudem de forma. Tomemos um circuito qualquer, por exemplo o circuito mão-louça-esponja-água, e o consideremos como um circuito fechado. Um circuito, qualquer circuito, precisa de no mínimo dois componentes, precisa da conexão de dois componentes para se formar. A conexão é o traçado pelo qual todo circuito se forma. Se tudo é conexão, se tudo se conecta não é no sentido em que tudo é associável a tudo, eu, o ar que eu e um chinês respiramos, os átomos que eu, um chinês e a matéria que existe há bilhões de anos possuímos – numa cadeia em que se pode ir *de um em um* até o infinito –, mas no sentido em que onde há um circuito, onde algo se passa, onde a vida transcorre há sempre componentes em conexão. Não nos perguntemos onde há um circuito, nem quando há um, mas em quais condições por toda parte há traçado e conexão de circuitos. Um pássaro numa gaiola traça circuitos, conecta componentes, desenha e redesenha configurações sonoras, picturais, corporais. O poleiro e as patas, o alimento fincado nas grades da gaiola e o bico, o canto e a luminosidade do sol. O que é um componente, segundo quais critérios tudo pode ser componente em conexão, em vias de se conectar? Um componente não é uma parte, não é uma partícula, não é um objeto, não é uma coisa, um ser, um indivíduo, uma forma, embora tudo isso possa vir a ser e já seja um componente num circuito. Se a conexão é o próprio traçado, se toda conexão traça um circuito, um componente é *uma ponte entre outras pontes sobre as quais um circuito se traça*. O brinquedo da criança é uma ponte entre outras sobre as quais circuitos se traçam. É um passaro em relação com a gaiola, o meio ambiente e o homem, mas são também componentes que ora entram numa configuração, ora entram em outra (e cuja privação é relativa à gaiola mas não necessariamente componente dos circuitos nos quais esse pássaro vive). É a dona de casa que pega a esponja e lava a louça, mas são, também, pontes que se conectam e traçam um circuito. A dona de casa está exausta e tem todo o direito de interromper a formação de um circuito, tem todo o direito de parar de lavar a louça; mas,

¹ Mestrando em teoria literária pela UFRJ e bolsista CAPES.

para que um circuito se trace, considerando a hipótese de que ele se trace, é preciso que um componente seja uma ponte entre outras pontes pela qual se percorre um circuito inteiro. Pegou a esponja?: percorreu o circuito mão-louça-esponja-água. Nesse sentido, um componente é sempre componente de circuito, é sempre composição.

Antes, porém, que se emperre em um maquinismo, antes que se possa fenecer no sistema da necessidade, pelo qual toda vez que se pegasse uma esponja se estaria obrigado a lavar a louça, isto é, toda vez que se entrasse em um circuito se estaria condenado a terminá-lo, reconsideremos o aspecto adotado acima. Salientou-se: seja o circuito mão-louça-esponja-água, um circuito *fechado*... Mas: como fechar um circuito, salvo sob condições estruturantes? Todo circuito é aberto, todo circuito está em uma coexistência de circuitos. Não importa o que a dona de casa faça, ela pode parar de lavar louça, sua mão pode largar a esponja, ela pode ficar imóvel: ela está numa conexão de pelo menos dois componentes pela qual se configura a existência de um circuito. A dona de casa para de lavar a louça, caminha até a área de serviço e começa a varrer a casa: passou-se do circuito mão-louça-esponja-pia para o circuito mão-vassoura-pés-chão; compôs-se o circuito louça-vassoura. É a dona de casa, numa relação do homem com o animal, que dá de comer ao pássaro, é ela que emite sons com os lábios aos quais o pássaro responde, mas trata-se ao mesmo tempo da conexão de componentes e da coextensividade de circuitos na qual todo circuito é um *componente* de circuitos. Graças a essa condição, pode-se de fato evitar o fechamento de circuitos e sua redução a invariáveis: um circuito do pássaro e um circuito da dona de casa que, fechados, se juntariam como duas partes invariáveis, abrem-se um ao outro e entram numa composição em que a mão da dona de casa é um componente do circuito do pássaro (sem deixar de ser componente do circuito da dona de casa) e o circuito do pássaro é um componente do circuito da dona de casa (sem deixar de ser um circuito do pássaro): coextensividade homem-animal². Em todo lugar aberturas nas quais os limites dos reinos, dos objetos, das práticas, dos seres desaparecem *em* uma coextensividade, *em* composições de circuitos. O circuito mão-esponja-louça-água entra em uma composição na qual é a casa que pulsa, que se traça em circuitos, sem deixar de ser um circuito da dona de casa, que entra ela mesma em composição com a casa, ponte aberta a uma coexistência de

² É sob essa condição que Deleuze e Deleuze & Guattari vão desenvolver um tema muito frequente em sua obra: devir-animal.

pontes. Quando a dona de casa prepara o jantar, depois de terminar com a louça, temos o circuito mão-ingredientes-fogão-paladar e, ao mesmo tempo, a composição de um circuito misto iniciado no dia. Quantos circuitos ela traçara ao longo do dia, quantas pontes que esgarçam circuitos e os fazem consoar? A louça, a poeira, a cama, o almoço, a tevê, o descanso, o telefonema não numa justaposição de partes, de etapas fechadas mas numa composição em que os circuitos se abrem uns para os outros e interagem: o telefonema preocupante que a dona de casa recebera mais cedo está numa ponte imediata com o circuito do jantar, *compõe o jantar*, coexistência e interação: a dona de casa erra no tempero, salga a comida. Quantos circuitos a dona de casa terá traçado ao longo da vida, componentes abertos de um só e mesmo circuito que não subsume os outros mas entra na composição como *um* circuito entre outros, a própria ponte pela qual os circuitos se conectam, comunicam, consoam? A dona de casa é uma abertura. O preparo do jantar numa noite de inverno em 2010 coexiste, estende suas pontes e compõe o circuito iniciado com seu ingresso na vida de dona de casa, circuito que entra ele mesmo em uma composição com outros circuitos, juventude, infância. Cada circuito traçado entre uma dona de casa e um jantar tem suas pontes conectadas às pontes daquele jantar. Vão compor circuito? Em que condições já compõem circuito? Quantos circuitos da dona de casa estão em composição com os de seus filhos, de seu marido? É o seu corpo que entra em relações com o corpo de seu marido, um e outro, um ou outro, mas consiste ao mesmo tempo em componentes que se conectam num só e mesmo circuito. Coextensividade no amor. “Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado”³. É na coextensividade dos circuitos que os limites pessoais se esgarçam de ponta a ponta, desaparecem *na e apenas na* composição de circuitos. Captar as composições. Elas já estão se formando, você está o tempo inteiro se despersonalizando, não em favor de uma pessoa, de um motivo, de uma finalidade, de um nada mas de uma composição de circuitos a cada vez singular. A dona de casa se despersonaliza em cada circuito que compõe. Mas o inverso também ocorre, quando a composição desaparece *em favor do* limite pessoal, *no e somente no* limite pessoal. Há composição de circuitos, há todo tipo de coextensividade e abertura, mas incessantemente desaparecendo *no* limite pessoal. A composição de circuitos coexiste com seu *desaparecimento parcial*, ela não

³ Gilles Deleuze e Felix Guattari, *Mil Platôs Vol. 1*, Editora 34, 2009, p.49.

desaparece absolutamente, mas *em* um limite, e o perigo se dá quando o limite prevalece. Então só se consome esse limite, tudo o que se compõe, tudo o que é captado se abafa em torno desse limite, desaparece parcialmente nele. Limite pessoal não é aquilo de que sou capaz, o ponto além do qual minhas forças e minha capacidade já não podem ir; não é o meu limite, não é um limite que incide sobre a pessoa, é antes uma personalidade, componente histórico-social, que incide como limite sobre a coextensividade de circuitos: costume de dizer, de pensar, de generalizar ‘eu...’. Costume que, por si, não basta para abafar as composições, para fazê-las desaparecer em seu proveito, é preciso que entre em circuitos segundo os quais elas sucumbam diante desse costume, desapareçam *nele* (e não absolutamente). Talvez tenha sido preciso as condições capitalistas para que houvesse a prevalência desse limite. Por toda parte só se capta ‘eu...’, só se consome ‘eu...’. Como dizer ‘eu...’ não poderia ser um generalização, se todo mundo diz ‘eu...’? Nada passa, nenhum acontecimento ao meu redor que não tenha a ver comigo ou que não me diga respeito. Já diz respeito a mim achar que não me diz respeito. Como o dizem Deleuze & Guattari: desejo de *ter sido* amado, de *ter sido* invejado, de *ter sido* reconhecido. Desejo submetido ao costume de submeter. Ele precisa ser reconhecido e só se reconhece quando alguém o reconhece, mesmo que esse alguém seja ele próprio. Eu = Eu. “Algo errado aí”. Há quem rebata, “não é esse o meu caso”; há quem sinta uma leve exaltação por “evidentemente” não ser esse o seu caso, mas talvez convenha apenas avaliar se a recusa quase automática constitui não uma defesa pessoal inconsciente, mas o traço de um circuito com o qual se compõe esse quadro. Recusar, rebater muitas vezes é aquiescer. “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não EU”⁴. Em que casos o limite pessoal abafa não as composições mas a captação das composições – e conseqüentemente as sobredetermina? Em que casos esse costume, esse limite não abafa, para si e para os outros, uma composição de circuitos, a sua captação?⁵ “É apenas uma maneira de dizer”. “Eu...”: apenas uma maneira de dizer, sem a qual, por exemplo, se pode ir à loucura, ou ao bloqueio parcial da composição de circuitos (por intermédio da submissão). “Quem decide sou eu”, isto é, o que você tem a ver com

⁴ Deleuze & Guattari, *Mil Platôs vol I.*, p. 11., Editora 34.

⁵ Há como determinar, desde que se leve em conta os circuitos nos quais e com os quais se determina, isto é, os circuitos não apenas do caso a ser determinado como também os da determinação. Composições são indetermináveis apenas para aquele que visa à determinação exata, absoluta. Autoritarismo, desejo submetido ao costume de submeter.

esses circuitos? É quando limite se torna limiar, umbral, passagem... Ou, antes, avaliar, pressentir as variações de um caso a outro, para onde a balança pende mais, porque nunca se está ileso, nunca se está fora dessa oscilação: aí, mesmo não o captando, mesmo não o sofrendo, já há um impasse, já há um bloqueio que é preciso de todas as maneiras conjurar a fim de evitar-lhe a forma que ganhará em um por vir. A coextensividade no amor, a conexão de pontes se tornará então um e outro, um ou outro. A revolução fracassará em fascismo ou em indiferença. O limite pessoal terá triunfado no suicídio.

Filhos, marido, irmão, amigos, vizinhos, objetos, práticas: exercícios de despersonalização, composição de circuitos no seio de condições histórico-sociais. A casa, qualquer casa, não é metáfora da empresa, não é metáfora da fábrica, ou uma afiliada de emissoras de tevê: ela antes se abre a essas composições, *é um componente imediato dos circuitos capitalistas*. Coextensividade casa-empresa: as mãos da dona de casa sempre tangenciaram as mãos de um trabalhador da empresa de seu marido. A dona de casa sabe o que é trabalhar fora e sorri toda vez que seu marido lhe diz que não. Como ela não estaria aberta sobre o fora se é em consonância com o Capitalismo que os circuitos da dona de casa moderna puderam se traçar? Se é nesse fora, que ignora os limites pessoais, que ela se vê imersa, se é por ele que as configurações de seus circuitos mudam sem que eles mudem de forma? Mas por que a pia, num apartamento? Por que a poeira, a cama, o almoço, o jantar, o cuidado com os filhos? Por que não a casa povoadíssima, sem cômodos, com parentes de vários graus, conectada ao pasto, à plantação, a um castelo? Por que não o traçado de rituais selvagens? Em que sentido os circuitos da dona de casa já não tangenciam rituais selvagens? Em que sentido se distanciam ilimitadamente? Em todo o caso, o que importa por enquanto é que se os circuitos que a dona de casa traça ao longo da vida são componentes de um só e mesmo circuito que não subsume os outros, mas entra como *um* circuito entre outros, que se compõe com os outros, a ponte pela qual eles consoam, esse um só e mesmo circuito é ele próprio *componente* de circuitos, a dona de casa é uma abertura não apenas para os circuitos traçados sob um limite pessoal *como também sob limites histórico-sociais*, circuitos que consoam, interagem, coexistem. Isto é: uma ponte, não apenas para os circuitos traçados sob o limite capitalista mas para os circuitos da história, de todas as formações sociais. É que o Capitalismo coexiste com diversas formações histórico-sociais. E não me refiro evidentemente aos regimes socialistas, tão

capitalistas quanto os Estados Unidos da América⁶. Refiro-me, por exemplo, à Floresta amazônica e suas formações sociais que literalmente ignoram os limites capitalistas. Estamos em 2010, mesmo que para eles haja outro calendário. Estamos no calendário deles, mesmo que para nós seja 2010. O que importa é que mesmo se considerarmos apenas a nossa época, e segundo uma regra de sucessão histórica, encontraremos a coexistência de dois regimes histórico-sociais absolutamente distintos, de tempos absolutamente distintos. E se lá há composição de circuitos tanto quanto aqui, também aqui o limite do regime sob o qual vivemos desaparece *em* composições de circuitos. Para isso não é preciso estar fora do Capitalismo. Antes, mergulhar no fora que o Capitalismo abre, que o Capitalismo abriu, que não cessará de abrir. A dona de casa tem um fora ilimitado com o qual compõe seus circuitos, mesmo que desapareçam parcialmente *em* limites pessoais, *em* limites sociais, os quais sobredeterminam o traçado de circuitos, e a aferram numa pia todo santo dia.

Um circuito qualquer, em formação, a se formar: *componente* imediato de uma coexistência de circuitos, pela qual se vai daquele em que, sob determinados limites, se está, rumo a um fora que passa por componentes histórico-sociais (e sem deixar de estar naquele em que se está). Em *Vinhas da ira*, John Ford mostra no início do filme um homem, um antigo pastor (que vivia ainda sob circuitos de quando era pastor mesmo não o sendo mais), um homem sem rumo que, mais adiante, ao fazer circuito com a depressão americana, em vinhas cujas condições de trabalho eram deploráveis, passa de um só golpe, em uma só cena, de antigo pastor à líder de um movimento grevista (“eles acham que eu sou o líder porque falo muito”). Bastou seus circuitos deixarem de entrar em composição com circuitos religiosos, bastou entrarem em composição com circuitos da depressão americana para que ele se abrisse imediatamente a outra amplitude, para que um circuito desaparecesse *no* outro. Mas o antigo pastor, quando era pastor, já não falava muito? Já não era à sua maneira um líder que comovia, demovia inclusive trabalhadores? Já não havia ali componentes de um circuito pelo qual o homem pôde formar algo como o Estado? Todo pastor tangencia um líder sindical, um homem de Estado, um déspota. Todo líder sindical tangencia um pastor que conduz seu rebanho. E o pastor de John Ford sabe contudo que sob

⁶ Cf., por exemplo, a análise de Agamben na série *Homo sacer* e alguns dos critérios ali definidos (Estado de exceção, Biopolítica) no seio dos quais, segundo ele, se poderia analisar a pertinência – a possibilidade de disjungerem efetivamente – de categorias da política do século XX (direita/esquerda, absolutismo/democracia, etc.).

essa tangente há distinções, há uma composição distinta (“Tem de aprender como eu estou aprendendo. Eu mesmo ainda não sei o que está certo, mas estou tentando descobrir. É por isso que não posso voltar a ser pastor. O pastor tem de saber. Eu não sei. Tenho de perguntar”). Ele não precisa voltar a ser pastor para coexistir com um pastor que descobrirá o que precisa saber e admoestará os trabalhadores. Coexistência de circuitos. Como tais circuitos entram ora em uma composição, ora em outra? Segundo quais condições consiste em um líder sindical? Sob que condições tangenciará um pastor, ambos, porém, coexistentes? Questões não de perspectiva, mas de amplitude intensiva.

Se parasse aqui, se acabasse aqui, viveríamos sob um monstruoso impasse. Porque se a dona de casa é uma abertura pela qual consoam e interagem circuitos, se é um traço no seio de circuitos histórico-sociais, sua abertura, o fora com o qual ela compõe circuito estaria sob a égide de um limite, não importa qual. A dona de casa se despersonaliza, isto é, compõe circuitos (com o pássaro, seus filhos, seu marido, seu irmão, seus livros), mas em um regime histórico-social que dissipa as composições em favor de limites sobredeterminantes. Os circuitos que a dona de casa compõe estão imersos em condições que definem ser ela, mesmo com 60 anos, e não uma empregada a traçá-los. Há dias em que dá vontade de lagar tudo. Mas não há como. Ela está imersa num regime histórico que, para ficar com apenas mais dois componentes tão bem dissecados por Foucault em *Vigiar e Punir* e *Vontade de saber*, primeiro amplifica a conexão do circuito eu-meu corpo, dissipa nesse limite a coextensividade com outros circuitos (no amor, na casa, no próprio Capitalismo, no circuito a ser formado...), e, segundo, compõe um quadro de histerização do corpo da mulher maior ou menor a depender das composições em que entra. Dois componentes cuja interação com outros componentes pode elevar ao infinito a dissipação da coextensividade, a sobredeterminação dos circuitos: as condições se amplificam, a dona de casa define pelas marcas em seu corpo que se aceleram com as preocupações e com o labor diário, e se torna incapaz de compor circuitos que não se encarcerem em pessoalidade, gênero, histeria. Com o fora a dona de casa só compõe delírios ou fugas imaginárias, submetidos ainda a uma pessoalidade dura demais. O sistema da necessidade é mais amplo do que imagináramos. Se não há necessidade em concluir os circuitos nos quais

se entra, se não é necessário traçar o circuito olho-roupa na vitrine-aquisição – se não é necessário que o traçado desse circuito se torne um limite sobredeterminante –, como garantir que o fora no qual se está não vai desaparecer num limite histórico? A dona de casa percorre os mesmos circuitos todos os dias, os mesmos objetos, as mesmas tarefas, as mesmas formas. E mesmo tendo seus limites dissipados em uma aberta composição de circuitos, como impedir que a coextensividade recaia em limites condicionantes, ou, o que é pior, não saia deles? Por que esse indigno aceno a coextensividades que fazem de limites umbrais no seio de composições abertas, se se trata de uma dona de casa aferrada numa pia, no seu trabalho diário, agonizando homeopaticamente, tendo gota a gota sua amplitude reduzida até o dia em que talvez penderá de uma forca teto abaixo? Em que sentido a pia já não é a forca pela qual se asfixiam todos os circuitos pelos quais se pode passar, premidos entre ‘eu...’, a pia, ‘minha família’? Por que essa vaga, mas muitas vezes devastadora impressão de que as coisas não vão tão bem assim, de que o Capitalismo nos torna anfíbios, aferráveis em qualquer charco?

É que o fora não se encerra no histórico-social, embora o Capitalismo não cesse de dissipá-lo em seus limites. O histórico é uma passagem, uma ponte, condições, mas de maneira alguma incondicionadas, isto é, de maneira alguma necessárias. E antes de condicionar ações, comportamentos, práticas, as formações sociais condicionam a captação das composições e a maneira, claro, de sobredetermina-las parcialmente. Nesse sentido, não há captação que não seja prática, abertura de um circuito, prevalência de um limite. Mesmo se a dona de casa só lavasse a louça, mesmo se estivesse condenada a esse limite, ainda assim teríamos uma composição ilimitadamente aberta. O fenecimento na necessidade dá lugar à autosustentação da positividade. Há casos em que se vive em condições muito desfavoráveis e no entanto em uma composição aberta e inventiva. Beckett e seus personagens. Molloy, Malone, seus inomináveis⁷. “Vou dizer-lhes uma coisa: quando as assistentes sociais oferecem alguma coisa, de graça, o que para elas é uma obsessão, não adianta recusar. Persegirão você até os confins da terra, com o vomitório à mão. O pessoal do Exército da Salvação não é melhor. Não, contra o gesto de caridade não existe salvação, que eu saiba. Inclina-se a cabeça, estendem-se as mãos trêmulas e cruzadas e se diz

⁷ E antes de se fazer prevalecer o limite ficcional, literário dessa inventividade, é preciso que se pergunte: que tipo de composição condena essa inventividade a ‘algo ficcional’, impossível na ‘vida real’?

obrigado, obrigado senhora, obrigado minha boa senhora. A quem nada tem é proibido amar a merda”.⁸ A quem nada tem é proibido se despersonalizar com suas condições, isto é, em seus circuitos, é preciso que intervenham limites pessoais, histórico-sociais, que meus circuitos se esfaçam incessantemente numa cidadania que não tenho, em objetos que não tenho, em condições que não são as minhas, e que tudo se reduza a isso, ao que eu não tenho. E no entanto quanta inventividade em uma favela, quanta inventividade em condições precárias. Talvez o equívoco tenha sido enxertar uma exclusividade histórico-social onde não havia, dissipar o fora nesses limites. Ou talvez não tenha havido equívoco. Primeiro vestígio de que o fora não se encerra no histórico-social: coextensividade homem-animal. Por que, ao falarem de um procedimento segundo o qual Kafka faz de impasses familiares impasses imediatamente histórico-sociais, Deleuze & Guattari dizem que se aí se traça um percurso que na obra de Kafka levará a um devir-animal? Por que devir-animal como limiar com o histórico-social? Por que se estender a um contato natureza-homem, história-natureza? É que o devir-animal basta para dar testemunho de uma imensa coextensividade na qual todos os limites, inclusive os de formações histórico-sociais, se desfazem numa só e mesma composição de circuitos. Um só e mesmo circuito sem totalização, *um* circuito se compondo com outros, a coextensividade pela qual circuitos humanos, animais, vegetais, minerais, cósmicos consoam, interagem, se abrem uns aos outros. Traçar circuitos é o modo pelo qual o real se faz e se percorre a si mesmo. A composição de circuitos é o domínio do real. Por ela, nunca se deixou de estar no real, sempre se esteve no real. Se a história fosse feita de necessidade, se fosse feita por necessidade, se as necessidades suplantassem a contingência, não haveria dona de casa para contar história. Compomos circuitos o tempo inteiro. Quando a dona de casa pega uma vassoura, quando componentes se conectam, quando pontes se traçam... Conexão de componentes do real, no real. Traça-se um circuito aberto a n circuitos que o real forma pela conexão de dois componentes quaisquer. *Traça-se um circuito que vale por si*. Relembrando um enunciado acima, na medida em que um componente é uma ponte entre outras pontes pela qual se percorre um circuito inteiro, é imediatamente, pela mesma conexão, sem nenhum recurso a sucessão ou simultaneidade no tempo e no espaço, que, ao se traçar um circuito, ao se conectar componentes, *se percorre o real de ponta a ponta, de*

⁸ Samuel Beckett, *Molloy*. Ed. Nova Fronteira, pp. 21-22.

uma só vez. O monstruoso impasse dá lugar a uma aptidão para impasses. Não é que o impasse não exista; não é que os limites – pessoais, histórico-sociais, de objetos, de seres, de reinos, de práticas – não existam; eles existem, mas sob condições e com uma aptidão maior ou menor para a) limiar no seio de uma coexistência ou b) para limite sobreteterminante. A quantidade (maior ou menor) depende da composição em que entram e da composição com a qual se quantifica. Os limites jamais desaparecem senão *na* composição de circuitos, e coexistem com seu desaparecimento parcial. Não é questão de taxionomia, de perspectiva, de razão, mas de amplitude e de sobredeterminação. Não se trata tampouco de chegar ao real, de quebrar os limites e extravasar rumo a um real ilimitado. Não é preciso aguardar um por vir no qual tudo será desfeito em favor de uma configuração mais favorável. É curioso quando se diz, por exemplo, que o desaparecimento do futebol ou da religião seria muito importante para uma sociedade mais justa e menos alienada. E é curioso não porque o futebol seja importante, não porque contribua e salve muitos meninos do tráfico. Não porque a religião seja um alento, um motivo, uma luz ou o quer que queiram. E sim porque os limites, esses limites, estão o tempo inteiro se desfazendo em composições de circuitos mistos, de singularidades. E se prevalecem, prevalecem apenas na cabeça de um teórico. Abrir-se à coextensividade homem-animal é abrir-se a uma zona que não se deixa subsumir a limites histórico-sociais (incluindo os pessoais), é se abrir a uma pura composição de circuitos que coexiste *mas não preexiste*. É o que Deleuze & Guattari querem dizer com devir-animal, devir-molécula, devir-imperceptível. Captar as composições. Ou simplesmente evitar a prevalência dos limites. Autoposição de circuitos, autoposição do real. O real fulgura. Basta passar os olhos nas formações sociais dispersas pela história, cada casa, cada cômodo, cada tribo, cada cidade, cada bairro, cada continente; basta passar os olhos pelas formações da natureza, cada colméia, cada formigueiro, cada rochedo, o inacreditável húmus aberto a multiplicidades de circuitos que se compõem; basta passar os olhos pela interação entre ambos os tipos de formações, quando seus limites se dissipam em uma coextensividade. Uma pequeníssima lacraia, um traço preto, desenha microcircuitos sobre a pia branca da minha casa. Não é *a pia*, *um universo para a lacraia*, é antes uma pia aberta às forças do universo. Segundo que composição nos tornamos traços pretos abertos às forças do universo? Não pense que é pouco. Pense, se o preferir. Nesse sentido, tomar um acontecimento – o simples fato de

acontecer qualquer coisa, mesmo que numa imobilidade radical –, tomar um acontecimento enquanto diferença não é considerá-lo diferente de *outro* acontecimento, posterior, anterior ou simultâneo; é tomar um acontecimento enquanto percorrimento das distâncias entre cada composição na qual ele entra, isto é, tomar um acontecimento como percorrimento imediato de uma distância ilimitada. A famosa diferença *em si mesma*. O famoso eterno retorno da diferença.

Mas como se pode percorrer o real de ponta a ponta, de uma só vez, sem nenhuma cadeia de sucessão ou de recuo pela qual se iria de um em um ao infinito? Ou, em outras palavras, o que ocorre, o que se passa em um circuito? De que é feito o real ilimitado? Deleuze & Guattari sabiam que seria difícil não reduzir o real a uma condição da história, sabiam que seria difícil não reduzir o real à ficção, à metáfora, sabiam que seria difícil falar em autoprodução, em autopoção se não respondessem: quantidades intensivas, afecto. Talvez um dos pontos mais altos de sua filosofia, em *O Anti-édipo* e em *Mil Platôs*, tenha sido levar as quantidades intensivas e o afecto ao ponto no qual eles se tornam absolutamente impessoais, afecto enquanto diferença em si mesma, afecto do real pelo real, o afecto e as quantidades intensivas que se passam pelos reinos mineral, vegetal e animal, e os fazem compor. É pela intensidade, pelo afecto que se percorre o real de ponta a ponta de uma só vez. É no afecto que uma composição persiste a despeito de seu desaparecimento parcial em limites – eu e meus afazeres, eu e meu corpo, eu e minhas relações pessoais. Todo circuito, toda composição de circuito conduz intensidade. É pelo afecto, pelas intensidades que já se está, sempre se esteve e sempre se estará no real ilimitado.

Pare, respire. Lembre-se de um momento de intensidade (ou repare no toque de tuas mãos no papel, na luminosidade pela qual teus olhos gozam, para que você tome consciência de que *mesmo a despeito de tua consciência* há, sempre houve, sempre haverá intensidade): como dividir, repartir uma intensidade? Pode-se sem dúvida repartir *momentos* de intensidade, enfileirá-los, colocá-los lado a lado, “ontem...”, “meu aniversário de 15 anos”, “nossa primeira viagem juntos”. Pode-se repartir *locais* de intensidade, a mão que toca o papel, os olhos que gozam com a luz, meu corpo, “eu sinto”. Mas é difícil que se consiga repartir uma quantidade intensiva, a pura intensidade atribuída a limites (momentos, locais), embora se possa quantificá-la em correspondência com a composição dos circuitos que as conduzem (a arrogância do homem branco é achar que quando ele grita

de dor ou de alegria há *absolutamente* mais intensidade do que quando um pulga salta, do que quando uma fruta cai no chão). Uma quantidade intensiva consiste em um derrame, uma intumescência, um transbordamento. Nela, o real transborda; por ela, deve-se perguntar como Haroldo de Campos: “De quantos brancos é feito o branco?”. De quantas intensidades é feita uma intensidade, de quanto em intensidade é feita uma intensidade? Se uma quantidade intensiva é ilimitada, se o real se compõe ilimitadamente, não é porque ela dura ilimitadamente, nem porque participa de um local cujo tamanho não tem limite, mas porque uma quantidade intensiva é um emaranhado de intensidades, de circuitos e componentes em conexão, sempre abertos, sempre por fazer. É na coexistência intensiva que os limites histórico-sociais se desfazem, que as raças se conjugam em composições singulares não por uma justaposição de cores, de traços, de formas mas numa coextensividade cujas cores, traços e formas são componentes de um só e mesmo circuito do real, em tal lugar, em tal data.

Se há o real, se há o fora da linguagem, se há o impossível, só pode ser um real, um fora, um impossível composto de intensidades, de afecto, a zona na qual um homem absolutamente honesto, temente a Deus, zeloso por sua família, em pleno século XVI, é comovido por um acontecimento que o leva a se desfazer de todas as suas propriedades, a separar-se de sua mulher e de seus filhos e partir Alemanha adentro, incendiando vilas, construções, comovendo consigo um bando que cresce a cada nova investida, a fim de ter o seu caso – a injustiça à qual fora submetido – devidamente julgado e reparado. Antes de ser o nome de um homem honesto, o nome daquele que diz ‘eu...’, ‘meu nome...’, antes de ser o nome daquele cujo ímpeto leva Martin Luther em pessoa a tentar demovê-lo – antes sobretudo de ser o nome de um personagem de Kleist – Michael Kohlhaas é um nome, uma série de marcas do real, no real. Quem é Kleist, quem é Michael Kohlhaas? Quem é o pastor, John Ford? Quem é a dona de casa? Quem é você, além do costume de dizer ‘eu...’? Um *índice*, *vestígios* de circuitos que conduzem intensidade, composições em coextensividade, muitas das quais dispostas, por exemplo, em conexão imediata com circuitos capitalistas, mas em coexistência com limiares além dos quais já não se é exclusivamente um homem e em que uma formação de circuito vale por si, pela intensidade que carrega, pelo puro e simples engenho de compor. A dona de casa sente um vivo e não formulado amor por seus afazeres, amor impessoal, mesmo que muitas vezes nas condições

degradantes do Capitalismo. É ali, na casa, que se traçam seus circuitos, é ali que se carrega por toda parte intensidade e afecto. A contingência do amor se afirma tanto mais quanto mais é pelo mesmo. Um escritor diante de sua mesa de trabalho e a chance de trabalhar. Os lápis e canetas sobre a mesa, os livros carcomidos por cujas imperfeições se pode percorrer ilimitadamente. Os dedos que acariciam as imperfeições, que tentam diariamente acabar com as marcas de dobradura de que, se sabe, as páginas não poderão se livrar. Componentes se conectam sem cessar. Enfim sós.

Composição de intensidades, composição de afetos. Canto de pássaro conectado à menor incidência de sol, o enternecimento da dona de casa conectada ao canto do pássaro. A zona na qual as células do pássaro, sem deixarem de ser suas células, se tornam componentes de um circuito do sol: o pássaro canta para o sol, pássaro do deus-sol, e não há astrofísico que não tenha invejado um galo, mesmo sem o formular. De noite, em meio à escuridão de um platô no alto de uma serra, um chalé iluminado entra em uma composição de circuito com insetos que se aferram na parte exterior do vidro da janela, carentes do deus-sol. Um pequeno sistema solar com insetos. Os insetos não se tornam metáforas de planetas, eles se abrem a forças astrofísicas, as percorrem de uma só vez. O sistema solar de uma paixão, as tangentes que se traçam com os insetos conectados ao deus-sol. Uma paixão não é só antropológica, ela também é astrofísica, ou ao menos tem aptidão para tanto. E não se trata da mesma paixão, do mesmo chalé sob diferentes perspectivas. Nada de perspectivismo. O chalé desaparece em uma composição que *muda* a cada configuração na qual entra, tem sua amplitude antropomórfica extravasada como componente da natureza, componente de forças astrofísicas. Amplitude intensiva. Composição. Não de partes, não de fragmentos, mas de pontes que carregam não metáforas mas quantidades intensivas. Todo circuito – inclusive o da leitura – se traça em intensidade, sobre intensidades.

Referências bibliográficas

BECKETT, Samuel. *Molloy*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2005

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

_____. *O anti-édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.